

ITALO CALVINO

OS AMORES
DIFÍCEIS

Tradução

Raquel Ramalhete



Copyright © 1990 by Palomar srl
Proibida a venda em Portugal

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Gli amori difficili

Tradução do apêndice
Nilson Moulin

Capa
Jeff Fisher

Preparação
Márcia Copola

Revisão
Larissa Lino Barbosa
Gabriela Morandini

Atualização ortográfica
Verba Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Calvino, Italo, 1923-1985.

Os amores difíceis / Italo Calvino ; tradução de Raquel
Ramalhete. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Título original: Gli amori difficili.
ISBN 978-85-359-2262-2

1. Contos italianos I. Título.

13-02307

CDD-853.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura italiana 853.1

2013

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhidasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE: OS AMORES DIFÍCEIS

- A aventura de um soldado 8
- A aventura de um bandido 18
- A aventura de uma banhista 25
- A aventura de um empregado de escritório 36
- A aventura de um fotógrafo 45
- A aventura de um viajante 58
- A aventura de um leitor 73
- A aventura de um míope 88
- A aventura de uma esposa 97
- A aventura de um esposo e uma esposa 106
- A aventura de um poeta 110
- A aventura de um esquiador 117
- A aventura de um automobilista 124

SEGUNDA PARTE: A VIDA DIFÍCIL

- A formiga-argentina 132
- A nuvem de smog 169

Apêndice 221

Sobre o autor 239

Primeira Parte

OS AMORES DIFÍCEIS

A AVENTURA DE UM SOLDADO

NO COMPARTIMENTO, ao lado do infante Tomagra, veio sentar-se uma senhora alta e bem fornida. Devia ser uma viúva do interior, a julgar pelo vestido e pelo véu: o vestido era de seda preta, apropriado para um longo luto, mas com guarnições e enfeites inúteis, e o véu dava a volta ao rosto dela, descendo da aba de um chapéu pesado e antiquado. Outros lugares estavam livres no compartimento, notou o infante Tomagra; e pensava que a viúva com certeza escolheria um daqueles; em vez disso, apesar da rude vizinhança dele, soldado, ela veio sentar-se logo ali, com certeza por conta de algum conforto da viagem, apressou-se em pensar o infante, vento encanado ou sentido da corrida.

Pelo viço do corpo, robusto, até um pouco quadrado, se as curvas salientes não fossem suavizadas por certa maciez matronal, se poderia dar a ela pouco mais de trinta anos; mas, ao olhá-la no rosto, o rosado da carne, marmóreo e ao mesmo tempo relaxado, o olhar inatingível por baixo de pálpebras graves e intensas sobranceiras negras, e também os lábios severamente cerrados, pintados de leve de um vermelho gritante, davam-lhe, ao contrário, aparência de mais de quarenta.

Tomagra, jovem soldado de infantaria na primeira licença (era Páscoa), encolheu-se no banco com receio de que a senhora, tão fornida e grande, não coubesse ali; e logo se encontrou na aura do perfume dela, um perfume conhecido e talvez vagabundo, mas, pelo longo tempo de uso, já amalgamado aos odores humanos naturais.

A senhora se sentara com compostura, revelando, ali ao lado dele, proporções menos majestosas do que lhe parecera ao vê-la de pé. Trazia as mãos, gordas e com finos anéis escu-

ros, cruzadas no colo, sobre uma bolsa lustrosa e um casaco que havia tirado descobrindo braços claros e roliços. Ao gesto, Tomagra se esquivara como para dar lugar a um amplo bracejar, mas ela ficara quase imóvel, puxando as mangas com breves movimentos dos ombros e do tronco.

O banco do trem era então confortável o bastante para dois, e Tomagra podia sentir a extrema proximidade da senhora sem, no entanto, receio de ofendê-la com seu contato. Mas, raciocinou Tomagra, ela, mesmo sendo uma senhora, não havia decerto mostrado ter repugnância por ele, pela aspereza da farda, senão teria se sentado mais longe. E, com esses pensamentos, seus músculos, que tinham ficado contraídos e tensos, distenderam-se livres e serenos; ao contrário, sem que ele se mexesse, procuraram se expandir em sua maior amplitude, e a perna, que antes estava com os tendões repuxados, até destacada no pano da calça, dispôs-se mais espalhada, estendeu em torno de si o tecido que a vestia, e o tecido aflorou a seda preta da viúva, e agora, através dessa fazenda e dessa seda, a perna do soldado aderiu à dela como um movimento brando e fugidio, como um encontro de tubarões, e com um mover de ondas de suas veias em direção às veias da outra.

Era sempre um contato levíssimo, que cada solavanco do trem bastava para restabelecer e para eliminar; a senhora tinha joelhos fortes e gordos, e a cada sacudidela os ossos de Tomagra adivinhavam o preguiçoso salto da rótula; e a barriga da perna tinha uma bochecha sedosa e saliente que, com um empurrão imperceptível, podia aderir à dele. Esse encontro de pernas era precioso, mas implicava uma perda: realmente, o peso do corpo era deslocado, e o apoio recíproco dos quadris já não acontecia com o dócil abandono de antes. Para alcançar uma posição natural e satisfatória, foi preciso um leve deslocamento no banco, auxiliado por uma curva dos trilhos, e também pela compreensível necessidade de se mexer de vez em quando.

A senhora estava impassível, sob o chapéu de matrona, o olhar fixo, palpebrado, as mãos firmes sobre a bolsa no colo, e no entanto seu corpo, por uma longuíssima faixa, encostava-se

naquela faixa de homem: será que ela ainda não tinha se dado conta? ou preparava uma fuga? uma rebelião?

Tomagra resolveu lhe transmitir, de algum modo, uma mensagem: contraiu o músculo da barriga da perna como se fosse um punho cerrado, quadrado, e depois, com esse punho de perna, como se lá dentro uma mão quisesse se abrir, correu e bateu na barriga da perna da viúva. É verdade que foi um movimento rapidíssimo, apenas o tempo de um jogo de tendões: de qualquer modo, ela não recuou — pelo menos até onde ele pôde entender! —, pois logo Tomagra, por necessidade de justificar aquele gesto secreto, mexeu a perna como que para desentorpecê-la.

Agora tinha de recomeçar do início; aquele paciente e prudentíssimo trabalho de contato estava perdido. Tomagra resolveu ter mais coragem; como que para procurar alguma coisa, enfiou a mão no bolso, no bolso do lado da mulher, e depois, como que distraído, não a tirou mais. Havia sido um gesto rápido, Tomagra não sabia se a tocara ou não, um gesto de nada; entretanto, agora entendia como fora importante o passo à frente que dera, e em que jogo arriscado estava enredado a partir daquele momento. O dorso de sua mão apertava agora a anca da senhora de preto; ele sentia o peso dela em cima de cada dedo, cada falange, qualquer movimento de sua mão seria um gesto de extraordinária intimidade para com a viúva. Tomagra, restando o fôlego, girou a mão no bolso, ou seja, voltou a palma para o lado da senhora, abrindo-a sobre ela, mesmo dentro daquele bolso. Era uma posição impossível, com o pulso contorcido. Então, agora, era o caso de tentar um gesto decisivo: assim, com aquela mão revirada, arriscou um movimento de dedos. Já não havia mais dúvida: a viúva não podia deixar de se dar conta daquela manobra dele, e se não se retraía, e fingia impassibilidade e ausência, queria dizer que não repelia sua abordagem. Pensando bem, porém, aquele seu descaso pela mão que Tomagra mexia podia querer dizer que acreditasse realmente numa vã procura naquele bolso: de um bilhete de trem, um fósforo... Pronto: e se agora as pontas dos dedos do

soldado, como que dotadas de súbita clarividência, adivinhavam através daqueles diversos tecidos as bainhas de roupas subterrâneas e até minúsculas asperezas da pele, poros e sinais, se, digo, as pontas dos dedos dele chegavam a isso, talvez a carne dela, marmórea e preguiçosa, apenas notasse que se tratava mesmo de pontas de dedos e não, digamos, de dorsos de unha ou juntas.

Então a mão, com passos furtivos, saiu do bolso, parou ali indecisa, depois com súbita pressa de acertar a calça na costura lateral foi caminhando até o joelho. Seria mais correto dizer que ela abriu uma passagem: porque, para fazê-lo, teve de se meter entre ele e a mulher, e foi um percurso, apesar da rapidez, rico em ansiedade e em doces emoções.

É preciso dizer que Tomagra se pusera com a cabeça voltada contra o encosto, de tal forma que também se poderia dizer que estava dormindo: mais que um alibi para si, oferecia à senhora, caso suas insistências não a indispussem, o modo de não se sentir constrangida, sabendo que eram gestos separados da consciência, apenas aflorando do sono. E dali, daquela desperta aparência de sono, a mão de Tomagra encostada ao joelho destacou um dedo, o mindinho, e o mandou explorar ao redor. O mindinho deslizou por sobre o joelho dela, que ficou calado e dócil; Tomagra podia realizar diligentes evoluções de mindinho na seda da meia que ele com olhos semicerrados apenas entrevia clara e curva. Mas se deu conta de que o risco daquele jogo não compensava, pois o mindinho, por pobreza de polpa e limitação de movimentos, só transmitia esboços parciais de sensações, não servia para conceber a forma e a substância do que estava tocando.

Então tornou a ligar o mindinho ao resto da mão, não retirando-o, mas juntando a ele o anular, o médio, o indicador: aí estava sua mão pousada inerte sobre aquele joelho de mulher, e o trem a embalava numa carícia ondulante.

Foi então que Tomagra pensou nos outros: se a senhora, por condescendência ou por uma misteriosa intangibilidade, não reagia a suas ousadias, sentadas em frente, porém, estavam outras pessoas que podiam se escandalizar com aquele seu comporta-

mento não de soldado, e com aquela possível sem-vergonhice por parte da mulher. Sobretudo para poupar a senhora daquela suspeita, Tomagra retirou a mão, até a escondeu, como se fosse só ela a culpada. Mas escondê-la, pensou em seguida, era apenas um pretexto hipócrita: abandonando-a ali sobre o banco, pretendia apenas aproximar-se mais intimamente da senhora, que justamente ocupava tanto espaço no banco.

De fato, a mão gesticulou ao redor, e como um pousar de borboleta os dedos já percebiam a presença dela, e bastava empurrar suavemente toda a palma, e o olhar da viúva sob o veuzinho era impenetrável, o peito mal se movia com a respiração, mas o que é isso! Tomagra já retirava a mão como um ratinho em fuga.

“Não se mexeu”, pensava, “talvez esteja querendo”, mas pensava também: “Mais um instantinho e seria tarde demais. Talvez esteja me estudando para armar uma cena”.

Então, para se certificar, como medida de prudência Tomagra deslizou o dorso da mão para a superfície do banco e esperou que as sacudidelas do trem fizessem a senhora imperceptivelmente escorregar para cima de seus dedos. Dizer que esperou é impróprio: na verdade, com a ponta dos dedos em cunha, forçava a mão entre o banco e ela, com um movimento invisível, que também poderia ser efeito do movimento do trem. Se ele parou num certo ponto, não foi porque a senhora tivesse de algum modo dado sinal de desaprovação, mas porque, pensou Tomagra, se, ao contrário, ela estivesse aceitando, ficaria fácil para ela, com meia-volta de músculos, vir ao encontro dele, colocar-se ali, por assim dizer, sobre aquela mão à espera. Para lhe demonstrar o propósito amigável dessa sua insistência, Tomagra, assim sob a senhora, tentou uma discreta remexida de dedos; a senhora estava olhando para fora pela janela, e com a mão preguiçosa brincava, abre e fecha, com o fecho da bolsa. Eram sinais para lhe dar a entender que desistisse, era um último prazo que ela lhe concedia, um aviso de que sua paciência não podia continuar sendo posta à prova por mais tempo? Era isso?, Tomagra se perguntava, era isso?

Percebeu que sua mão, como um polvo curto, apertava as carnes dela. Agora estava tudo decidido: não podia mais recuar, ele, Tomagra; mas ela, ela era uma esfinge.

A mão do soldado ia agora subindo pela coxa com passos enviesados de caranguejo; estava a descoberto, diante dos olhos dos outros? Não, já a viúva ajeitava o casaco que trazia dobrado no colo, já o fazia cair de um lado. Para lhe oferecer abrigo ou para lhe barrar a passagem? Pronto: agora a mão se movia livre e não vista, agarrava-se a ela, estendia-se em carícias rasantes como uma breve lufada de vento. Mas o rosto da viúva continuava voltado para lá, longínquo; Tomagra fixava nela uma zona de pele nua, entre a orelha e a volta do coque volumoso. E naquela axila de orelha o pulsar de uma veia; era essa a resposta que ela lhe dava, clara, ardente e impalpável. Virou o rosto todo de uma vez, altivo e marmóreo, o véu em cima do chapéu mexeu-se como uma cortina, e o olhar perdido entre as pálpebras pesadas. Mas aquele olhar tinha passado por cima dele, Tomagra, talvez não houvesse sequer roçado nele, olhava, para além dele, alguma coisa, ou nada, o pretexto de um pensamento, mas de qualquer modo sempre alguma coisa mais importante do que ele. Isso ele pensou depois, porque primeiro, mal vira aquele movimento dela, logo se jogara para trás e fechara os olhos como se estivesse dormindo, tentando controlar o rubor que estava se espalhando por seu rosto, e talvez assim perdendo a oportunidade de colher no primeiro fulgor do olhar dela uma resposta às próprias dúvidas extremas.

A mão, escondida sob o casaco preto, tinha ficado quase destacada dele, contraída e com dedos recolhidos em direção ao pulso, não era mais uma verdadeira mão, naquele momento tinha apenas a sensibilidade arbórea dos ossos. Mas, como a tré-gua que a viúva dera à própria impassibilidade com aquela imprecisa olhada em volta logo havia terminado, sangue e coragem refluíram à mão. E foi então que, retomando contato com aquela macia curva da perna, ele se deu conta de ter atingido um limite: os dedos corriam pela bainha da saia, mais além era o pulo do joelho, o vazio.

Era o fim, pensou o infante Tomagra, dessa farra secreta: e agora, pensando de novo, aquilo aparecia como uma coisa bem miserável entre suas recordações, se bem que ele a tivesse avaramente agigantado ao vivê-la: uma carícia desajeitada por cima de uma roupa de seda, algo que não podia de modo algum lhe ser negado, justamente por sua piedosa condição de soldado, e que discretamente a senhora se dignara, sem demonstrá-lo, lhe conceder.

Porém, na intenção de retirar, desolado, a mão, foi interrompido pelo dar-se conta de como ela mantinha o casaco sobre os joelhos: não mais dobrado (e, no entanto, primeiro lhe parecera estar assim), mas jogado cuidadosamente a fim de que uma ponta caísse na frente das pernas. Assim, estava numa toca fechada: uma última prova, talvez, de confiança que a senhora lhe concedia, certa de que a desproporção entre ela e o soldado era tanta que ele certamente não se aproveitaria. E o soldado evocava, com dificuldade, aquilo que até o momento havia ocorrido entre a viúva e ele, tentando descobrir alguma coisa no comportamento dela que acenasse uma condescendência em ir mais longe, e repensava os próprios gestos ora como de uma leveza irrelevante, um roçar e um esfregar casuais, ora como de uma intimidade decisiva, que o comprometiam a não mais se retrair.

Sua mão com certeza cedeu a esta segunda fase da recordação, pois, antes que ele tivesse pensado bem na irreparabilidade do ato, ei-lo já ultrapassando a fronteira. E a senhora? Dormia. Havia largado a cabeça, com o pomposo chapéu, num canto, e estava de olhos fechados. Devia ele, Tomagra, respeitar esse sono, verdadeiro ou fingido que fosse, e se retirar? Ou era um expediente de mulher cúmplice, que ele já deveria conhecer, e pelo qual devia de algum modo mostrar gratidão? O ponto a que chegara agora não permitia demoras; só lhe restava avançar.

A mão do infante Tomagra era pequena e curta, e suas asperezas e calosidades formavam um todo com o músculo de maneira a torná-la macia e uniforme; não se sentia o osso, e o movimento era feito mais de nervos, porém com suavidade, que

de falanges. E essa pequena mão tinha movimentos contínuos e gerais e minúsculos, para manter a completitude do contato viva e acesa. Mas quando finalmente uma primeira agitação perpassou pela languidez da viúva, como o movimento de longínquas correntes marinhas através de secretas vias submarinas, o soldado ficou tão surpreso que, exatamente como se supusesse que a viúva até então não tivesse percebido nada, houvesse dormido de verdade, retirou a mão assustado.

Agora ele permanecia com as mãos sobre os próprios joelhos, encolhido no banco como quando ela havia entrado; estava se comportando de modo absurdo, dava-se conta disso. Então, com um arrastar de saltos de sapatos, um estirar-se de quadris, pareceu ansioso para retomar os contatos, mas mesmo aquela sua prudência era absurda, como se quisesse recomeçar do início seu pacientíssimo trabalho e não estivesse mais seguro das profundas metas já atingidas. Mas as havia realmente atingido? Ou fora apenas um sonho?

Um túnel se precipitou sobre eles. A escuridão ia ficando cada vez mais espessa, e Tomagra então, primeiro com gestos tímidos, de quando em quando se retraindo como se estivesse realmente na primeira abordagem e se espantasse com sua afoiteza, depois tratando de cada vez mais se convencer da extrema familiaridade a que já havia chegado com aquela mulher, avançou a mão vacilante como um frangote em direção ao seio, grande e um pouco largado ao próprio peso, e com um árduo tatear tentava explicar-lhe a miséria e a insustentável felicidade de seu estado, e sua necessidade não de outra coisa, mas de que ela saísse daquela sua reserva.

A viúva efetivamente reagiu, mas com um gesto inesperado de se defender e repeli-lo. Foi o bastante para mandar Tomagra de volta para o seu canto, torcendo as mãos. Mas era, provavelmente, um falso alarme por causa de uma luz que passara pelo corredor, dando à viúva receio de um inesperado fim do túnel. Talvez; ou então ele tinha avançado o sinal, tinha cometido alguma horrível indelicadeza para com ela, já tão generosa? Não, naquele ponto não podia haver nada proibido entre eles; e o

gesto dela, aliás, era sinal de que tudo aquilo era verdade, de que ela estava aceitando, participando. Tomagra se aproximou de novo. Verdade que nessas reflexões se perdera bastante tempo, o túnel não durava ainda muito, não era prudente ser apanhado pela luz inesperada, Tomagra já esperava o primeiro acinzentar-se da parede, pronto: quanto mais ele esperava, mais arriscado era tentar, verdade porém que o túnel era comprido, de suas outras viagens lembrava-se dele compridíssimo, se houvesse aproveitado, logo teria tido muito tempo pela frente, agora era melhor esperar pelo fim, mas por que não acabava nunca?, talvez esta tivesse sido a última oportunidade para ele, pronto: a sombra diminuía, agora acabava.

Estavam nas últimas estações de um percurso de província. O trem se esvaziava; dos passageiros do compartimento, a maioria havia saltado, pronto: os últimos arriavam as malas, encaminhando-se. Terminaram ficando sozinhos no compartimento, o soldado e a viúva, pertinho e afastados, de braços cruzados, mudos, os olhares no vazio. Tomagra ainda teve necessidade de pensar: “Agora que todos os lugares estão livres, se quisesse ficar tranquila e cômoda, se estivesse aborrecida comigo, mudaria de lugar...”.

Alguma coisa ainda o segurava e lhe metia medo, talvez a presença de um grupo de fumantes no corredor, ou uma luz que fora acesa porque a noite estava chegando. Pensou então em puxar as cortinas do lado do corredor, como faz quem quer dormir: levantou-se com passos de elefante, começou com cuidado lento e meticuloso a soltar as cortinas, a puxá-las, a amarrá-las novamente. Quando se voltou, encontrou-a deitada. Como se quisesse dormir; mas, além de estar com os olhos abertos e fixos, abaixara-se mantendo intacta sua compostura de matrona, com o chapéu majestoso sempre enfiado na cabeça apoiada no braço da poltrona.

Tomagra estava em pé, acima dela. Ainda quis, para proteger aquele simulacro de sono, escurecer também a janela, e se estendeu por sobre ela, para desamarrar a cortina. Mas era apenas um modo de mover seus gestos desajeitados por cima da

viúva impassível. Então parou de atormentar aquela alcinha de cortina e entendeu que tinha que fazer outra coisa, demonstrar-lhe toda a sua própria condição inadiável de desejo, nem que fosse para lhe explicar o equívoco em que ela certamente caíra, como que para lhe dizer: “Veja, você foi condescendente comigo porque acredita em nossa remota necessidade de afeto, de nós, pobres e solitários soldados, mas em vez disso aí está o que sou, aí está como recebi sua cortesia, aí está a que ponto de ambição impossível, veja, cheguei”.

E já que agora estava claro que nada conseguia espantar a viúva, até pelo contrário tudo parecia de algum modo previsto por ela, então ao infante Tomagra só restava fazer com que não houvesse mais dúvidas possíveis, e que finalmente a dor de sua loucura conseguisse apanhar também quem era seu mudo objeto, ela.

Quando Tomagra se ergueu e sob ele a viúva permanecia com o olhar claro e severo (tinha olhos azuis), sempre com o chapéu de veuzinho enfiado na cabeça, e o trem não calava aquele seu apito altíssimo pelos campos, e do lado de fora continuavam aquelas intermináveis fileiras de vinhas e a chuva que, incessante, durante toda a viagem havia traçado linhas nas vidraças, recomeçava com nova violência, ele teve ainda um movimento de medo por ter, ele, infante Tomagra, ousado tanto.